

# A história e teologia da escatologia oficial do pentecostalismo clássico

Ailto Martins\*

## Resumo

Este artigo analisa a história e teologia da escatologia oficial do pentecostalismo clássico. Sua estrutura está dividida em dois tópicos principais: a síntese histórica e teológica dessa escatologia oficial e os encontros e desencontros da percepção escatológica com as raízes teológicas metodistas do pré-pentecostalismo em relação à escatologia oficial do pentecostalismo clássico. Enfocam-se também os três grandes movimentos que contribuíram para a formação do movimento pentecostal moderno: o de santidade, o segundo grande despertar e o fundamentalismo teológico. Por meio de revisão bibliográfica, a pesquisa acessa os comentários de especialistas que já debateram amplamente a temática. Os resultados esperados perpassam da importância do conhecimento da história e teologia das raízes da escatologia ao desenvolvimento da percepção escatológica do pentecostalismo clássico.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; história; escatologia; oficial e teologia.

## The history and theology of classic pentecostalism's official eschatology

### Abstract

This article analyzes the official eschatology from classical Pentecostalism's history and theology. Its structure is divided on two main topics: the historical and theological synthesis of this official eschatology and the encounters and misencounters of the eschatological perception with the Methodist theological roots of pre-Pentecostalism in relation to the official eschatology of classical Pentecostalism. The three great movements that contributed to the formation of the modern Pentecostal movement

---

\* Doutor em Teologia pela PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdade Batista do Paraná). Pós Graduado em MBA Gestão de Pessoas pela Uninter (Centro Universitário Internacional) e em Educação a Distância pela Universidade Católica Dom Bosco. Graduado em Administração de Empresas pela Univille (Universidade da Região de Joinville) e graduado em Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, e em Ciências Contábeis pela Uniasselvi (Centro Universitário Leonardo da Vinci). ID Lattes: 2008053335945931. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7288-7603> . E-mail: [ailto@ceeduc.edu.br](mailto:ailto@ceeduc.edu.br).

are also focused: that of holiness, the second great awakening, and theological fundamentalism. Throughout bibliographic review, the research accesses the comments of specialists who have already widely debated the topic. Its expected results comprehend the importance of knowledge on history and theology of theological roots over eschatology, for the development of the eschatological perception of classical Pentecostalism.

**Keywords:** Pentecostalism; history; eschatology; official and theology.

## La Historia y la Teología de la Escatología Oficial del Pentecostalismo Clásico

### Resumen

Este artículo analiza la Historia y la Teología de la Escatología Oficial del Pentecostalismo Clásico. Su estructura se divide en dos temas principales: la síntesis histórica y teológica de esta escatología oficial y los encuentros y desencuentros de la percepción escatológica con las raíces teológicas metodistas del prepentecostalismo en relación con la escatología oficial del clasicismo. Centramos también en los tres grandes movimientos que contribuyeron a la formación del movimiento pentecostal moderno: la santidad, el segundo gran despertar y el fundamentalismo teológico. Por medio de revisión bibliográfica, la búsqueda accede a los comentarios de expertos que ya discutieron ampliamente el tema. Los resultados esperados permean la importancia del conocimiento de la historia y la teología de raíz teológica sobre la escatología, para el desarrollo de la percepción escatológica del Pentecostalismo Clásico. Palabras clave: Pentecostalismo; Historia; Escatología Oficial y Teología.

### Introdução

A questão das origens da escatologia oficial do pentecostalismo clássico ajuda a perceber como as doutrinas influenciam as interpretações da Bíblia. O problema acontece quando se tomam algumas passagens do texto bíblico destilando-se destas passagens teologias totalizantes e dogmáticas. Todas as doutrinas e teologias de todas as instituições eclesásticas, de uma forma ou de outra, baseiam-se na Bíblia. Isso deve ser a prova suficiente para aceitar que a Bíblia apresenta múltiplas teologias e múltiplas possibilidades de interpretação. Desta maneira, tornam-se relativas todas as doutrinas e teologias. Toda interpretação é dependente da formação, ambiente, momento histórico e contexto cultural do intérprete. Por isso, todas as teologias são carentes de atualização e revitalização, por meio de novos estudos e ferramentas de apoio ao estudo bíblico e teológico.

Quando se fala em pentecostalismo, a impressão é de que se trata de um único movimento, porém, diante da pluralidade e da diversidade que ele apresenta, a forma correta de indicar este fenômeno é chamá-lo de pentecostalismos — sempre no plural, nunca no singular. Diante

desta dificuldade, a pesquisa faz um recorte específico no termo. Em primeiro lugar, busca nas diversas definições sociológicas uma possível delimitação. Entre as várias classificações do pentecostalismo, utiliza-se da classificação do sociólogo Paul Freston (1994, p.70) a respeito das três ondas do movimento pentecostal: a primeira, do pentecostalismo clássico, com a chegada e a fundação no Brasil da Igreja Congregação Cristã, em 1910, e da Igreja Assembleia de Deus, em 1911; a segunda, nos anos 1950 e início de 1960, com as pentecostais Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Igreja Deus é Amor (1962), destaques do período; e a terceira, designada também como neopentecostal, com a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1970). Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R. R. Soares.<sup>1</sup> Em segundo lugar, seguindo a delimitação e o recorte conforme a primeira onda, destacam-se as denominações Igreja Congregação Cristã e Igreja Evangélica Assembleia de Deus, formando o pentecostalismo clássico segundo essa classificação. Assim, dentro do pentecostalismo clássico, o recorte ocorre por motivo de expressão numérica e teológica, com ênfase na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que é a maior igreja pentecostal do Brasil. Ainda especificamente quanto aos assembleianismos<sup>2</sup>, a denominação escolhida na pesquisa é a Igreja Evangélica Assembleia de Deus vinculada à convenção de igrejas da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), ligada à Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Por isso, ao analisar a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, fala-se a partir desta delimitação e recorte.

A proposta do artigo se apresenta por meio de uma análise da história da origem da escatologia oficial do pentecostalismo clássico, dividida em dois tópicos principais: a síntese histórica e teológica e os encontros

---

<sup>1</sup> O sociólogo Paul Freston se baseou na classificação de David Martin (1978) quanto à divisão sociológica do protestantismo na história, que divide a dissidência protestante em três ondas: puritana ou calvinista, metodista e pentecostal. Ele utilizou a mesma ideia para classificar o pentecostalismo (FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, 1994, p. 70).

<sup>2</sup> Assembleianismos: conforme a tipologia assembleiana, Gedeon de Alencar faz uma delimitação no que se entende como as identidades das assembleias brasileiras, sendo que nunca existiu uma Assembleia de Deus, mas assembleias, no plural, devido aos ministérios distintos, convenções concorrentes, igrejas divergentes e estilos diversificados à natureza existencial. Assim, existem muitos assembleianos e diversas assembleias, portanto, há muitos assembleianismos (ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras: teorização, história e tipologia**. 2012. 283 p. Tese. Programa de Pós-graduação - PUC/SP. São Paulo, 2012, p. 72).

e desencontros, da percepção escatológica oficial do pentecostalismo clássico. Para entender esta origem dessa escatologia, a pesquisa fez quatro questionamentos sobre as possíveis hipóteses acerca de que forma a perspectiva escatológica do pentecostalismo clássico se tornou dispensacionalista, milenarista e cessacionista. A primeira pergunta foi: em sua origem, o pentecostalismo clássico já apresentava uma clara vertente escatológica, baseada em sua própria pneumatologia e no retorno de Cristo? A resposta é sim, baseada na doutrina da chuva serôdia ou tardia, que apresenta o evangelho completo ou de cinco pontas: justificação, santificação, cura, batismo no Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo. Essas doutrinas teológicas, escatológicas e pneumatológicas se constituíram as crenças centrais dos primeiros pentecostais e foram as que melhor expressaram o impulso escatológico no início do pentecostalismo.

Entretanto, por que os pentecostais da segunda geração modificaram a iminência do retorno de Cristo para uma nova doutrina dispensacionalista fundamentalista do arrebatamento pré-tribulacional da igreja para definir sua escatologia? A resposta para esta pergunta vem da dificuldade dos pentecostais de entenderem plenamente o movimento, por meio da chave hermenêutica da glossolalia, que levou ao reducionismo no tratamento da teologia pentecostal e impediu uma avaliação crítica de sua origem teológica, a escatológica-pneumatológica. Esse contexto do problema hermenêutico pentecostal, então, abre espaço para a terceira pergunta: como a escatologia pentecostal veio beber da fonte pré-milenarista? Em busca de um padrão comum para a teologia pentecostal, o segundo tema, a santificação da ênfase do evangelho completo ou de cinco pontas, foi abandonado, acarretando um reducionismo soteriológico e fazendo o movimento pentecostal se afastar de suas origens teológicas metodistas e se aproximar da escatologia pré-milenarista.

Depois, a quarta e última pergunta foi: quais foram os encontros e desencontros dos três grandes movimentos que contribuíram para a formação do movimento pentecostal moderno, o movimento de santidade, o segundo grande despertar e o fundamentalismo teológico, para as raízes teológicas pentecostais, especificamente a escatologia? Em síntese, o movimento de santidade, com sua ênfase teológica na santificação, a respeito do ímpeto da busca da experiência da salvação, constrói o ambiente perfeito para o movimento *holiness*, dando um novo sentido ao fundamento da santidade por meio da teologia bíblica de Pentecostes, de Atos dos Apóstolos capítulo 2, e, conseqüentemente, vieram ser chamados de pentecostais, substituindo, mais tarde, a santidade pela doutrina do batismo do Espírito Santo. O segundo grande despertar, conhecido como avivamento reformado,

tinha como característica o arminianismo, enfatizando o batismo do Espírito Santo para o serviço, a desvalorização do ensino teológico e a valorização do anti-intelectualismo como reação ao liberalismo teológico. Esse cenário gestou e aproximou o fundamentalismo dos pentecostais. Contudo, as bases da doutrina fundamentalista se encontravam na razão da teologia moderna de tendência cessacionista. Enquanto isso, os pentecostais elaboravam uma visão “pós-moderna”, que correspondia a uma rejeição popular da modernidade racional do iluminismo.

Assim, o fundamentalismo incorporou, em sua escatologia, a visão pré-milenarista especialmente entre os seguidores de John Nelson Darby, que fortaleceram a busca pelo tema da escatologia entre os pentecostais e, finalmente, surgiram, no fim do século XIX, os Institutos Bíblicos, que se tornaram o modelo das instituições educacionais dos pentecostais. Nesse momento histórico, as forças fundamentalistas foram sentidas entre os pentecostais, os quais abandonaram sua última escatologia da chuva serôdia ou tardia pelo pré-milenarismo dispensacionalista.

## **1. A história e teologia da escatologia oficial do pentecostalismo clássico**

### **1.1 Considerações iniciais**

A consolidação da doutrina escatológica do pentecostalismo clássico veio a ser oficializada por um viés histórico e influenciada por questões políticas, sociais, econômicas e eclesiológico-teológicas. De acordo com Silva (2017, p.18) a data oficial do credo, na qual consta a parte da escatologia, é 16 de abril de 1919, quando o pastor Gunnar Vingren, um dos fundadores da igreja Assembleia de Deus no Brasil, publicou no jornal Boa Semente, um artigo intitulado “O que nós cremos”, com as listas mestras das crenças das Assembleias de Deus. Diante deste fato, Carvalho (2016, p.17) afirma que os discursos escatológicos milenaristas<sup>3</sup>, desde a década de 1920, já constavam nos periódicos oficiais da educação teológica da maioria das igrejas

<sup>3</sup> Milenaristas: as crenças milenaristas estão presentes tanto no judaísmo como no cristianismo. Ao serem analisados os aspectos histórico-sociais e teológicos de determinados grupos milenaristas, deve-se associá-los ao messianismo, que consiste na espera do retorno do Messias, que virá junto com o reino de justiça e felicidade eterna. Mesmo assim, milenarismo e messianismo são elementos distintos. Na tradição cristã, o milênio trará o Messias e não necessariamente o Messias trará o reino, isso porque, ao contrário do judaísmo, o messias prometido – Jesus – já se manifestou (CARVALHO, Osiel Lourenço de. **(In) versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro: uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz.** São Bernardo do Campo/SP, 2016, p. 18).

Assembleia de Deus no Brasil, chamados Lições Bíblicas, ou no próprio jornal oficial da denominação, Mensageiro da Paz.

Desta forma, o pastor e missionário sueco Lawrence Olson (1956, p.10) publicou um artigo na revista Seara denominado “A bomba atômica – precursora do Armagedon”. Baseado em 2 Pd 3:7-14, ele relaciona a profecia do apóstolo Pedro acerca da parusia de Cristo com uma fissão nuclear, com o início da “grande tribulação”<sup>4</sup> que sucede o rapto da igreja universal (arrebato) dos redimidos no sangue de Cristo. O término desse período, então, seria a grande batalha do Armagedon. Para exemplificar os sinais deste período atômico, ele cita o trágico lançamento da bomba atômica pelas forças aéreas aliadas americanas na cidade de Hiroshima, no Japão, em 6 de agosto de 1945. Em suma, Lawrence confirma, com este artigo, a visão milenarista de sua escatologia.

## 1.2 A Escatologia Oficial do Pentecostalismo Clássico: síntese histórica e teológica

O livro “Teologia Sistemática Pentecostal” fala sobre a escatologia no capítulo dez, último assunto da obra. O comentarista Ciro Sanches Zibordi (2008, pp. 487, 488), sob o mesmo ponto de vista milenarista, descreve os principais eventos escatológicos, que são: o arrebatamento da igreja; o tribunal de Cristo; a grande tribulação; a vinda de Jesus à terra; o fim do império do anticristo; o julgamento das nações; o milênio; a revolta do diabo e seu julgamento; o juízo final; e, finalmente, novos céus e nova terra. Igualmente, a Bíblia de Estudo Pentecostal (1995, p. 628), no comentário de Apocalipse 1:7, utiliza-se da teoria milenarista na interpretação da expressão “eis que vem”, descrevendo o grande propósito deste livro, o triunfo do reino de Deus, quando Cristo voltar para estabelecer o seu reino na terra e os eventos do fim estiverem vinculados à sua vinda. É uma escatologia de vitória para os fiéis, marcando o fim da história com o julgamento de Satanás (Ap. 17, 18) e o reino eterno de Cristo e seu povo (Ap. 20: 4; 21: 1; 22: 5). Dessa forma, o milenarismo já constava no credo oficial das igrejas Assembleias de Deus e se consolidou no decorrer de sua recente história.

O credo oficial das Assembleias de Deus do Brasil ligadas à convenção de igrejas CGADB/CPAD, do ponto de vista escatológico, apresenta uma escatologia de linha milenarista, principalmente acerca da cristologia. Quanto à pneumatologia na questão escatológica, o credo não faz nenhuma menção

<sup>4</sup> Tribulação, a Grande. A referência à tribulação é escatológica e não histórica, visando falar acerca dos grandes dias de tribulação pelos quais, pouco antes do segundo advento de Cristo, passará o mundo inteiro (CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**: São Paulo, 2002, p. 492).

ao Espírito Santo. O documento com base milenarista descreve a *parusia* de Cristo, a grande tribulação, o tribunal de Cristo, o juízo final e o milênio, como se pode constatar na declaração de Silva (2017, p.23):

13. Cremos na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira, invisível ao mundo, para arrebatá-la igreja antes da Grande Tribulação; a segunda, visível e corporal, com sua igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16-17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14)).

14. Cremos no comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2 Co 5.10).

15. Cremos no juízo final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morreram durante o período milenar e o que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infieis e vida eterna de gozo e felicidade para os fieis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20. 11-15; 21.1-4).

Em síntese, o credo, sob a ótica da escatologia oficial do pentecostalismo clássico, compreende uma percepção escatológica de linha pré-tribulacionista<sup>5</sup>, dispensacionalista<sup>6</sup> e pré-milenarista<sup>7</sup>. De acordo com Araújo (2007, p. 592), esse escatologismo penetrou entre os pentecostais norte-americanos no século XIX, quando predominou o milenarismo. Araújo (2007, p. 592) ainda destaca que havia três teorias acerca do texto de Apocalipse 20: 1 – 8: pré-milenarismo, pós-milenarismo e amilenarismo. Os pré-milenaristas eram milenaristas no sentido de que esperavam que o milênio

---

<sup>5</sup> Pré-tribulacionista: segundo a qual a igreja, o corpo de Cristo, em seu todo, será, por ressurreição e por transferência, retirada da terra antes de começar qualquer parte da septuagésima semana de Daniel (PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros**. São Paulo, 2006, p. 217).

<sup>6</sup> Dispensacionalistas: são assim denominados porque compreendem que a história da redenção está dividida em sete dispensações. A dispensação é definida como um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência e a algumas revelações específicas da vontade de Deus (LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da Teologia Escatológica**. São Paulo, 2013, p. 38).

<sup>7</sup> Pré-milenaristas: dividem-se em relação a pré-milenarismo histórico e pré-milenarismo dispensacionalista. A marca distintiva entre as duas correntes de interpretação se baseia no fato de a primeira corrente não estabelecer distinção entre a igreja (formada de judeus e gentios, que se tornam povo de Deus) e Israel. Já a segunda corrente faz a diferença entre esses dois povos. Contudo, ambos defendem, em linhas gerais, que Cristo voltará antes do milênio e literalmente reinará sobre a terra por um período de mil anos, antes da restauração final de seu senhorio (LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da Teologia Escatológica**. São Paulo, 2013, p.31).

fosse ocorrer em alguma época do futuro (ou já havia iniciado no passado presente), diferentemente dos amilenaristas, que não entediam o milênio com um período específico da história. O pós-milenarismo, por sua vez, afirmava que Cristo já estava reinando, mas em Espírito, e que o milênio era uma extensão do período da igreja que ocasionaria uma grande disseminação do evangelho. Zibordi (2008, p. 533) salienta que tanto o amilenarismo quanto o pós-milenarismo entendiam os mil anos de Apocalipse 20: 1 – 8 como sendo simbólicos e correspondentes ao período entre a morte de Cristo e a evangelização total do mundo. Nesse sentido, “os pós-milenaristas apegaram-se ao texto de Mateus 24. 14 para afirmar que Jesus só voltará depois de toda a terra ter sido evangelizada” (ZIBORDI, 2008, p. 534).

Diante disso, Araújo (2007, p. 592) afirma que os adventistas e os russelitas, ou testemunhas de Jeová, nas décadas de 1840 e 1850, manifestaram-se intensamente sobre o milenarismo, influenciados pelos 12 métodos independentes de cálculos proféticos de Arthur T. Pierson, que havia concluído que uma grande crise mundial aconteceria provavelmente entre os anos 1880 e 1920. Ainda, o autor destaca que essa teologia escatológica de Pierson foi articulada por John Nelson Darby, principal líder dos irmãos de Plymouth, os quais enfatizaram a chegada do milênio e o fim do mundo. Entre os grupos restauracionistas que surgiram, a maior influência foi de John Alexander Dowie, cuja visão restauracionista era parecida com a versão pentecostal. Desta maneira, Zibordi (2008, p. 535) afirma “que o sistema que se harmoniza com as Escrituras é o pré-milenarista”. Porém, conforme Araújo (2007, p. 592) essa constatação não se concentrou somente na Bíblia ou na questão teológica, mas na história política do movimento, no qual o pré-milenarismo veio caracterizar a escatologia pentecostal em contraste com o pós-milenarismo, apesar de as compreensões dos pentecostais sobre a escatologia não serem unicamente pentecostais, mas amplamente compartilhadas com as igrejas fundamentalistas.

Os pré-milenaristas dividiram-se em historicistas e futuristas. Diante deste fato, Araújo (2007, p. 593) constata que os pentecostais se tornaram essencialmente futuristas, esperando o cumprimento das profecias bíblicas no futuro — uma variante dessa posição, conhecida como dispensacionalismo, foi desenvolvida por Darby e os futuristas foram divididos em pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas, sendo que a maioria dos pentecostais optou pela primeira linha escatológica. Apesar da importância deste fato histórico, esta linha escatológica milenarista, absorvida pelos pentecostais clássicos durante

a história, apresentou vários problemas teológicos, eclesiológicos, políticos e sociais, visto que sua matriz teológica é cessacionista.

### 1.3 A origem da escatologia oficial do pentecostalismo clássico: encontros e desencontros

A mensagem acerca do segundo advento de Cristo faz parte da origem do pentecostalismo clássico. Assim, Donald (2018, p. 196) constata que a profecia de que Jesus virá novamente a este mundo, com o objetivo de estabelecer o seu reino, é um evento integralizante da mensagem pentecostal. Por isso, o tema escatológico tem uma relação direta com a teologia do pentecostalismo clássico. Nesse sentido, a própria história do cristianismo apresenta certa ligação entre a escatologia e a pneumatologia, movimentos religiosos que têm mais experiências de infusão pessoal do Espírito Santo. Donald (2018, p. 196) também afirma que esses movimentos carismáticos anseiam mais ardentemente o retorno de Cristo, visto que na história da igreja esses movimentos do Espírito demonstraram uma fascinação por temas proféticos e apocalípticos, como, por exemplo, o montanismo<sup>8</sup>, que fez uma efusão entre as experiências pneumatológicas e escatológicas.

Horton (1996, pp. 609, 610) também fala da esperança escatológica no pentecostalismo clássico, destacando detalhes e advertências acerca da vinda de Jesus e em relação aos cuidados do Espírito Santo com a igreja na preparação, na exortação, na consolação e na edificação dos crentes para o encontro com Cristo no arrebatamento. Diante desse contexto, surgem alguns questionamentos: na sua origem, o pentecostalismo clássico já apresentava uma clara vertente escatológica, baseada em sua própria pneumatologia e no retorno de Cristo? De que maneira foi desenvolvida a tradição milenarista nas correntes inglesas e norte-americanas do movimento pentecostal? Como a escatologia pentecostal veio beber da fonte pré-milenarista? Quais foram os encontros e desencontros dos três grandes movimentos que contribuíram para a formação do movimento pentecostal moderno — o movimento de santidade, o segundo grande despertar e o fundamentalismo teológico para as raízes teológicas pentecostais, especificamente a escatologia?

---

<sup>8</sup> Montanismo: doutrina defendida por Montano (157 – 212), líder frígio que, dizendo-se porta-voz do Espírito Santo, exigia de todos o mais severo ascetismo e declarava estar próximo o fim do mundo e o estabelecimento, na Frígia, da nova Jerusalém. Disponível em: < [www.definiçõesdeoxfordlanguages.com.br](http://www.definiçõesdeoxfordlanguages.com.br).> Acesso em: 02 de jul 2020.

A história das origens teológicas do pentecostalismo descrita por Donald (2018, p. 28) quanto à escatologia, perpassa as raízes metodistas do movimento pentecostal, o movimento norte-americano da perfeição cristã e as influências puritanas e pietistas, pois os quatro elementos das doutrinas do pentecostalismo contemporâneo — Jesus salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura e Jesus voltará — vieram a se constituir separadamente no interior do movimento de santidade, deslocando-se dos textos didáticos da hermenêutica do apóstolo Paulo para os textos narrativos do evangelho de Lucas. Para isso, Donald (2018, p. 28) afirma que foi realizada uma releitura da doutrina wesleyana da perfeição cristã no contexto dos avivamentos evangélicos estadunidenses e os processos da afirmação pentecostal do batismo do Espírito Santo, da cura divina e da escatologia pré-milenarista. Toda essa busca por um padrão comum do protopentecostalismo resultou em muitos conflitos, limitações e reducionismos na diversidade do movimento pentecostal.

O primeiro grande conflito se deu a partir do mito fundante<sup>9</sup>, glossolalia ou línguas estranhas, que veio a ser responsável pela eclosão do movimento desde seu início. Donald (2018, p. 25) descreve que embora não negue seu valor, tal percepção tem sérias limitações nas raízes da teologia pentecostal. Ainda, Alencar (2013, p. 59) chama atenção para uma informação importante. O autor relata que os primeiros pentecostais compreendiam o fenômeno da glossolalia como xenolalia (capacidade de falar línguas humanas conhecidas ou identificadas). Donald (2018, pp. 25, 26) cita três detalhes importantes sobre esta questão. Em primeiro lugar, a glossolalia, por si mesma, não basta para definir o pentecostalismo ou distingui-lo de outros movimentos cristãos e religiosos. Em segundo lugar, a tal ênfase na glossolalia nas narrativas do surgimento do novo pentecostalismo numa pequena escola bíblica perto de Topeka, no Kansas, por volta de 1900, sob a liderança do evangelista Charles P. Parham, ou seis anos depois, com o Movimento da Fé Apostólica, uma missão negra na Rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, sob a liderança do pastor William Joseph Seymour, impede uma compreensão adequada entre os estudiosos do movimento. Apesar de que, de acordo com Soares (2008, p. 52), durante e após o avivamento da Rua Azusa, eruditos (teólogos, historiadores, sociólogos, entre outros) desenvolveram diversos estudos sobre o Espírito Santo, o batismo no Espírito, a glossolalia e os dons

---

<sup>9</sup> Mito fundante é um recurso literário que usa a narrativa heroica para narrar a história de fundadores, eventos ou figuras que deram início a determinadas instituições e, geralmente, tem um fundo de verdade, ou seja, não é mentiroso.

do consolador. Ainda, Donald (2018, pp. 25, 26) diz que em terceiro lugar, o foco na glossolalia tem desviado a atenção sobre as análises teológicas e históricas e colocado, de maneira preferencial, as categorias sociológicas e psicológicas das raízes do movimento pentecostal no fim do século XIX. Em síntese, a exclusividade na glossolalia levou ao reducionismo no tratamento da teologia pentecostal, impediu uma compreensão plena do movimento e limitou uma avaliação crítica de sua origem e natureza teológica.

A concepção do pré-pentecostalismo diante das limitações da interpretação do movimento, a partir da glossolalia, conforme Donald (2018, p. 28) buscou alternativas com o objetivo de analisar e interpretar as afirmações teológicas de forma plena, além e sobre a prática de se falar em línguas estranhas, para entender as relações da história e da teologia do movimento com antecedentes das tradições teológicas e eclesiais com os quais se relacionava. Nesse sentido, Chaves (2016, p. 77) relata que muitos ainda não possuem uma compreensão apropriada das raízes do pentecostalismo moderno do século XX. Dessa forma, Donald (2018, p. 12) afirma que a busca de um padrão comum para a teologia pentecostal parece que estava fadada ao fracasso, embora, à primeira vista, qualquer esforço em reduzir a variedade e a diversidade das tradições pentecostais exigisse um padrão teológico comum. Contudo, Synan (2009, p. 154) descreve que as igrejas pentecostais da primeira onda do pentecostalismo norte-americano formaram uma base teológica comum, o evangelho quíntuplo: justificação pela fé; santificação como uma segunda, definitiva e perfeita obra da graça; batismo no Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas; cura divina como parte da expiação; e doutrina pré-milenarista da segunda vinda de Cristo. Dayton (2018, p. 29) contesta esse padrão em que o segundo tema, a santificação, foi abandonado pela ênfase ao evangelho pleno<sup>10</sup>, no qual surge o problema pentecostal de relacionar a obra do Espírito Santo à obra de Cristo, formando o pentecostalismo das “duas obras da graça”, que produziu um reducionismo soteriológico, semelhante ao já mencionado, em virtude da concentração no tema da glossolalia.

---

<sup>10</sup> Evangelho pleno ou completo/total: “três obras da graça” e mais dois outros – a “cura divina mediante a fé” e a “segunda vinda de Jesus”. Esses dois temas podem ser adicionados aos ensinamentos de qualquer um dos ramos do pentecostalismo e geralmente aparecem em passagens que listam os temas mais característicos do movimento. Essa constelação de motivos atravessa todas as expressões da tradição (DONALD, Dayton. **Raízes teológicas do Pentecostalismo**. Natal, RN, 2018, p. 31).

A hermenêutica pentecostal concentrou-se em dois elementos do evangelho quántuplo — salvação/justificação e batismo no Espírito Santo —, que se decompôs no evangelho de quatro pontos — Jesus nos salva, segundo João 3: 16; batiza com o Espírito, segundo Atos 2: 4; cura nossos corpos, segundo Tiago 5: 14, 15; e está vindo de novo para nos receber junto a si, segundo 1 Tessalonicenses 4: 16, 17. Devido ao desenvolvimento de um complexo processo histórico e teológico do movimento pentecostal, este padrão esteve presente em praticamente todo o movimento pentecostal, nos ramos e nas variedades do pentecostalismo. Contudo, acabou por encontrar uma expressão mais clara no trabalho de Aimee Semple McPherson, a fundadora da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Este modelo fundamenta-se em uma hermenêutica característica de como o pentecostal apropria-se da Bíblia Sagrada, diferentemente do protestantismo histórico, que tende a ler as escrituras neotestamentárias pela ótica do apóstolo Paulo. Neste ínterim, de acordo com Donald (2018, p. 36) o pentecostalismo lê o Novo Testamento com os olhos de Lucas, especialmente com as lentes do livro de Atos dos Apóstolos, e, com isso, muda-se o gênero literário de um material didático da teologia paulina para um conteúdo narrativo da teologia lucana. Assim, na segunda bênção<sup>11</sup> que, no século XVIII, John Wesley apresentou a seus seguidores chamando de “santificação plena”, os wesleyanos radicais abandonaram o metodismo no século XIX para se unirem ao movimento de santidade<sup>12</sup>, os quais chamaram de batismo no Espírito Santo. Conforme Synan (2009, pp. 30, 31), eles davam ênfase aos sinais e dons do Espírito e denominavam a si mesmos “pentecostais”, uma vez que sua inspiração perpassava ao dia de Pentecostes, quando houve o derramamento do Espírito Santo no cenáculo.

<sup>11</sup> Segunda bênção: John Wesley (1703 – 1791), que havia identificado um segundo estágio após a salvação, que passou a ser chamado de “segunda bênção”, tinha como amigo John Fletcher (1729 – 1785), que chamou de “batismo no Espírito Santo”. Os acampamentos que floresceram na Inglaterra a partir de 1800, tendo o de Keswick, no distrito de Lake, Inglaterra, como um dos principais, substituiu a ideia de “segunda bênção” de Wesley, que seria, mais especificamente, a “santificação”, pela crença de que isso se trata de um “recebimento de poder para o serviço” (CHAVES, Pedro Jônatas da Silva. **Raízes do Pentecostalismo Moderno**. Joinville: Refidim. In. POMMERENING, Claiton Ivan (ORG). Azusa – **Revista de Estudos Pentecostais** – VII. N. 1 (jan./jun.2016). Joinville, 2016, p. 77).

<sup>12</sup> Movimento da santidade: nasceu principalmente dentro da igreja metodista. Muitos conflitos e cismas ocorreram, chegando a surgir diversas igrejas ligadas ao movimento (CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**. n.67. p.100-115, set/nov. São Paulo, 2005, p.106.

Para Chaves (2016, p. 77) as raízes teológicas do pentecostalismo sinalizavam para três grandes movimentos que contribuíram para a formação do movimento pentecostal moderno: o de santidade, o segundo grande despertamento e o fundamentalismo teológico. Neste aspecto, conforme Donald (2018, p. 92) a busca pela ênfase do ensino da perfeição cristã, especialmente na década de 1830, acabou provocando a “cruzada de santidade”. Desse modo, o movimento de santidade teve início dentro da igreja metodista, na Inglaterra, e se estendeu para as terras norte-americanas por meio do movimento *holiness*.<sup>13</sup> John Wesley surgiu no século XVIII no cenário protestante, buscando um cristianismo missionário e leigo que ultrapassasse as fronteiras formais e estáticas da religião estatal inglesa, o anglicanismo. A base teológica do movimento reside na doutrina da justificação e da santificação. Para Wesley, não bastava a certeza da salvação mediante a fé, pois a santificação viria como uma certificação deste aspecto soteriológico. Passos (2005, pp. 32, 33) relata que o movimento de renovação ainda ganhou fôlego na América do Norte, juntamente com outros grupos de tendências puritana e avivalista. Diante disso, ainda Passos (2005, p. 33) descreve que o método de santificação foi intensificado na busca pela experiência da salvação, cenário ideal para os grupos *holiness* que insistiam na santificação com o objetivo de produzir um novo sentido ao fundamento da santidade, que assumia uma referência bíblica, emblemática e constitutiva da narrativa de pentecostes, descrita no capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos, em uma relação intensa entre essa narrativa e a situação social daqueles seus leitores, o que deu autonomia e a identidade *holiness* que, no início do século XX, seria denominada pentecostal.

O segundo grande despertamento, de acordo com Chaves (2016, p. 79), foi o avivalismo reformado, que tinha como característica o arminianismo e atingiu praticamente todas as denominações norte-americanas. Este avivamento ocorreu na Nova Inglaterra, no século XVIII, e contribuiu para a erosão do calvinismo puritano. Assim, segundo Donald (2018, p. 90), esse despertamento cooperou para o desenvolvimento do processo conhecido como a arminianização da teologia americana. Ainda de acordo com Donald (2018, p. 98), os mais influentes avivalistas deste despertamento foram Charles

---

<sup>13</sup> O movimento *holiness* (em inglês: santidade) de tradição protestante foi um movimento de avivamento norte-americano do fim do século XIX que ensinou a santificação como meio de purificação de todos os pecados através da fé na obra expiatória de Cristo e, em seguida pelo batismo no Espírito Santo.

Grandison Finney e Dwight Lyman Moody. Finney implementou um novo estilo de avivamento, denominado “novas medidas”, que encorajava as mulheres à prática da pregação e da oração em público, voltada para as manifestações emocionais com ênfase na teologia arminiana. Contudo, o clímax deste processo fundamentava-se nas posições wesleyanas sobre a santificação, com uma diferença importante na compreensão da soteriologia. Finney fez da salvação o começo da experiência religiosa, diferentemente do que o antigo avivamento fazia ao concebê-la como seu fim. Entretanto, essa diferenciação fez com que ele fosse se afastando dos temas relacionados à santificação plena.

Já Moody foi um líder evangelista ligado ao movimento de Keswick<sup>14</sup>. Synan (2009, pp. 48, 49) destaca que as conferências de Keswick, por meio da sua configuração doutrinária, vieram a derrubar o conceito de segunda bênção como erradicação do pecado e a favor de um batismo no Espírito Santo e de um revestimento de poder para o serviço. Esta versão da doutrina do batismo com o Espírito Santo se fez presente nos ensinamentos e nas pregações de Moody. Por isso, Synan (2009, p. 50) diz que, após um período de resistência, como em qualquer nova experiência espiritual, Moody acabou pedindo a duas senhoras, pertencentes à Igreja Metodista Livre, que orassem por ele e anunciou que havia sido batizado com o Espírito Santo. De acordo com Dayton (2018, p. 142), Moody, depois de ter sido motivado a buscar uma experiência mais profunda com Deus por essas duas mulheres recentemente santificadas, manteve-se neutro ao falar dessa experiência em seus sermões, apesar de que, na prática, seus observadores perceberam que ele não dava nenhuma importância maior ao tema da santidade plena e que esses assuntos relacionados à purificação logo sumiram de sua pregação, sendo substituídos pelo tema do batismo do Espírito Santo como revestimento de poder para o serviço. Entretanto, se Moody manteve-se reservado acerca desses temas, seu sucessor, Reuben A. Torrey, foi exatamente o contrário, pois seu ensino era dirigido pelo tema central “o batismo com o Espírito Santo para o serviço”.

As características principais do grande despertamento conforme Chaves (2016, pp. 80 – 82), em síntese, passaram as mensagens emotivas e a linguagem corporal dos avivalistas, a desvalorização do ensino teológico e a valorização do anti-intelectualismo. Este cenário e a reação ao liberalismo teológico gestaram o fundamentalismo nos Estados Unidos, sendo que, após a guerra civil norte-americana (1861 – 1865), as tradições de avivamento

---

<sup>14</sup> Movimento de Keswick: nome dado devido às convenções e conferências ocorrerem em Keswick, Cumbria, Inglaterra, conhecido como movimento de vida superior.

foram sendo intensamente marginalizadas dentro daquela cultura. Diante disso, Menzies (2002, p. 20) relata que a segunda maior influência que moldou os valores dos primeiros pentecostais foi o fundamentalismo, o qual tomou por empréstimo dessa teologia os fundamentos teológicos. No entanto, Yong (2005, p. 61) comenta que o pentecostalismo das primeiras décadas do século XX pode ser entendido parcialmente como uma reação ao liberalismo e ao modernismo, porém, diferentemente dos fundamentalistas, que usaram o racionalismo para reagir ao próprio modernismo, os pentecostais reagiram com a glossolalia, que simbolizava o discurso contramoderno que, em parte, tentou libertar o ser humano do radicalismo racional dos iluministas.

Já Armstrong (2009, p. 154) refuta a ideia de Menzies, que afirma que o fundamentalismo influenciou a teologia pentecostal. Por isso, Armstrong (2009, p. 154) destaca algumas diferenças fundamentais sobre as duas teologias, argumentando que os fundamentalistas desenvolviam sua fé moderna, retornavam ao que consideravam a base doutrinal do cristianismo, acreditavam na palavra das escrituras e tinham como discurso religioso o logos. Enquanto isso, os pentecostais elaboravam uma visão “pós-moderna” que correspondia a uma rejeição popular da modernidade racional do iluminismo, além de não se preocuparem com dogmas e remontarem a um nível ainda mais fundamental: a essência da religiosidade primitiva que ultrapassava as formulações de um credo — o discurso extrapolava as palavras, pois falavam em línguas por meio da crença de que o Espírito Santo havia descido sobre eles e, assim, obtiveram a mesma experiência dos apóstolos em Pentecostes. Por isso, o pentecostalismo não se confunde com o fundamentalismo, e esse último é a reação moderna ao liberalismo teológico. Assim, esses dois tipos de teologia são uma ameaça ao pentecostalismo, porque incorporam matrizes de tendência cessacionista.

A história da religião cristã, conforme Donald (2018, p. 196), tem demonstrado certa relação entre escatologia e pneumatologia em movimentos como o pentecostalismo, em que as pessoas, neste tipo de religiosidade, experimentam mais intensamente a infusão pessoal do Espírito e, conseqüentemente, estes indivíduos anseiam ardentemente a volta de Cristo e a correspondente transformação cósmica da sociedade na atualidade. Nesse sentido, Atos 2, ao falar sobre o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, quando o apóstolo Pedro interpreta este evento como o cumprimento da profecia do profeta Joel para os últimos dias, traz uma narrativa bíblica e uma dinâmica experiencial dos pentecostais, jogando

luz à junção bastante próxima entre pneumatologia e escatologia. Há ainda as contribuições de Joaquim de Fiore e Edward Irving, que ansiavam por uma nova era de avivamentos por meio do Espírito Santo, subsequente às conferências de profecia norte-americanas no fim do século XIX. Por isso, Donald (2018, p. 197) ressalta que se deve observar o crescente impacto do movimento pré-milenarista, especialmente entre os seguidores de John Nelson Darby, que fortaleceram a busca pelo tema da escatologia entre os pentecostais e, finalmente, com o surgimento, no fim do século XIX, dos Institutos Bíblicos, que se tornaram o modelo das instituições educacionais dos pentecostais. Naquele momento histórico, Althouse e Waddell, (2010, p. 21) comentam que as forças fundamentalistas foram sentidas entre os pentecostais, os quais abandonaram sua última escatologia da chuva serôdia ou tardia<sup>15</sup> pelo pré-milenarismo dispensacionalista.

Apesar da influência desse contexto, Donald (2018, p. 197) diz que, para a perspectiva escatológica dos pentecostais, não fica clara a razão pela qual a escatologia pentecostal, com sua ênfase na inauguração da nova ordem da chuva serôdia ou tardia e na restauração dos dons espirituais como prefácio da volta de Cristo, adequou-se com facilidade dentro das categorias dispensacionistas como se tem ensinado. Além disso, de acordo com Althouse e Waddell, (2010, p. 21) esta teologia é sustentada por uma doutrina de cessação, isto é, este ensino argumenta que todos os dons carismáticos espetaculares cessaram com a igreja apostólica, prejudicando, assim, a eclesiologia pentecostal e a doutrina do batismo do Espírito Santo, mudando o significado da visão original da esperança da escatologia dos pentecostais do advento da segunda vinda de Cristo para um novo conceito de arrebatamento escapista, que enfatiza a retirada da igreja antes da grande tribulação. Portanto, a aceitação da tese do empréstimo da escatologia dispensacionalista pela escatologia pentecostal altera os resultados das raízes teológicas do pentecostalismo, referente ao batismo do

---

<sup>15</sup> Chuva serôdia ou tardia: a precipitação das chuvas na Palestina ocorre em duas principais estações: na primavera, durante o plantio dos alimentos, e no outono, para o seu amadurecimento antes da colheita. O fenômeno climático das terras bíblicas acabou fornecendo a metáfora mediante a qual os pentecostais puderam compreender sua própria relação com a igreja apostólica e o iminente fim dos tempos. O Pentecostes original do Novo Testamento foi as “chuvas da primavera”, quando o derramamento do Espírito foi acompanhado pelo “plantio da igreja”. O pentecostalismo contemporâneo representaria, portanto, as “últimas chuvas”, o especial derramamento do Espírito nos últimos dias para a restauração dos dons como parte da preparação da “colheita”, o retorno de Cristo em glória (DONALD, Dayton. **Raízes teológicas do Pentecostalismo**. Natal, RN, 2018, p. 41-42).

Espírito Santo, e, particularmente, da perspectiva escatológica pentecostal. Este movimento recebeu, conforme informa Donald (2018, p. 200), as influências de maneira paralela, juntamente com o dispensacionalismo, de outros movimentos, como o avivamento da chuva serôdia ou tardia, os movimentos de santidade, puritana e pietista e, ainda, envolveu-se no avivalismo norte-americano, desenvolvendo novas formas da escatologia na qual predominaram as diferentes correntes do fim do século XIX.

A chuva serôdia ou tardia, conforme Althouse e Waddell, (2010, p. 145) corresponde ao evangelho completo: justificação, santificação, cura, batismo no Espírito Santo e segunda vinda de Cristo. Essas doutrinas teológicas se constituíram as crenças centrais com as quais os primeiros pentecostais se identificaram, usando metaforicamente os padrões climáticos da Palestina. Para tentar explicar o derramamento do Espírito Santo, como o da igreja primeira (primitiva), o qual antecipa o *eschaton*, eles reivindicaram a restauração da fé apostólica e dos dons carismáticos. Esse ensino ilustra bem como a iminente volta de Cristo está intimamente ligada à doutrina do evangelho completo e, conseqüentemente, constitui a base para o trabalho missionário e evangelístico. Ainda, a doutrina da chuva serôdia ou tardia foi a que melhor expressou o impulso escatológico no início do pentecostalismo. De acordo com Althouse e Waddell (2010, p. 109), com tal doutrina pentecostal, a narrativa de Atos 2 potencialmente absorve as semelhanças escatológicas do modelo apostólico da igreja primitiva e da antecipação do *eschaton* (dia do Senhor), diferentemente de uma linha escatológica secular, progressiva e evolutiva. Diante disso, segundo Thompson (2010, p. 133), os primeiros pentecostais pregaram, por meio da chuva serôdia ou tardia, a restauração dos dons carismáticos, a qual anunciava o fim dos tempos e o retorno de Cristo, entretanto, os pentecostais da segunda geração modificaram a iminência do retorno de Cristo em uma nova doutrina dispensacionalista fundamentalista do arrebatamento pré-tribulacional da igreja para definir sua escatologia.

O movimento de santidade, conforme Donald (2018, p. 223), não mostrou oposição ao tema da escatologia, no entanto, especificamente o pré-milenarismo sofreu maior resistência nas obras de G. W. Wilson e Daniel Steele — este último autor afirmou que as novas doutrinas afrontavam diretamente os temas característicos do metodismo. Contudo, o pensamento do movimento de santidade cedeu à pressão pré-milenarista no fim do século XIX e a doutrina de Fletcher sobre as dispensações foi metodicamente examinada nas obras de Steele. Conseqüentemente, suas exposições foram

reproduzidas em diversos periódicos do movimento, influenciando as alas mais radicais do movimento de santidade metodista, que se tornaram defensoras da nova doutrina. Porém, a herança wesleyana para a perspectiva escatológica dos pentecostais permeia a ligação entre a escatologia e a soteriologia, que são duas partes de um sistema de entendimento. Thompson (2010, p. 134), descreve que em sua doutrina de inteira santificação da escatologia pentecostal ensina a ocorrência de uma mudança ontológica, não simplesmente no aspecto relacional. Assim, a perseverança do crente santificado resultará em justificação final no *eschaton*.

Ainda, Thompson (2010, p. 134) cita que as principais características da escatologia de Wesley expõem, primeiramente, a salvação como um processo que se inicia agora e encontra a conclusão no *eschaton*, por isso, encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão de Cristo inauguraram os últimos dias, buscando a realização deste *eschaton*. Essa visão de Wesley sustenta o “já/ainda não” da escatologia paulina e é realizada no sentido de que o reino de Deus está presente no processo de salvação de cada cristão, por isso, sua escatologia com ênfase na soteriologia não é tão individualista quanto às noções escatológicas contemporâneas. Ainda, de acordo com Donald (2018, p. 201) diferentemente do seu amigo Fletcher, apesar de concordar com a estreita relação entre soteriologia e escatologia, acredita que essa conexão torna-se mais estruturada em seu pensamento através de um padrão dispensacional trino, tanto no progresso espiritual do crente individual quanto no movimento mais amplo da história da salvação, semelhante à abordagem de um dos pais capadócijs, Gregório Nazianzeno<sup>16</sup>, que interpretava a história da salvação composta por três dispensações.

---

<sup>16</sup> Gregório de Nazianzeno (c. 330 – 390): amigo e colega de Basílio, conhecidos pela tradição cristã como os pais capadócijs da era patrística, teve seu nome dado em virtude de ter nascido em Arianzo, perto de Nazianzo, no Sudoeste da Capadócia. A doutrina das três dispensações corresponde às três pessoas da Santíssima Trindade, nas quais o Deus Trino é revelado progressivamente ao dispensar conhecimento salvífico por meio de graciosas interações com a criação. A primeira dispensação é do Pai, que se estende da criação a João Batista e revela Deus como criador e sustentador; a segunda é do Filho, que se estende de João Batista (o precursor de Cristo) ao pentecostes e revela Deus como o redentor; e a terceira é do Espírito Santo, que se estende do Pentecostes ao *eschaton* e revela Deus, o Espírito, como santificador, aquele que aperfeiçoa o trabalho iniciado na criação e redenção. Estas eras ou dispensações culminarão na plenitude do tempo para inaugurar o reino escatológico (THOMPSON, Matthew K. **Eschatology as soteriology: the complete cosmic gospel**. In. ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. **Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end**. Eugene, Oregons, 2010, p. 135).

As influências puritanas e pietistas, em decorrência dos seus esquemas escatológicos que tinham a supremacia por vários séculos em diversas correntes escatológicas, não interferiram na escatologia pentecostal emergida no fim do século XIX, principalmente quanto ao objetivo de reformar o cristianismo de então, com uma visão otimista sobre o futuro e a possibilidade de transformação, sendo que a escatologia pentecostal se distanciou deste ideal escatológico, do dia final da glória de Deus. Na perspectiva dos pentecostais, conforme Donald (2018, p. 201), isso foi associado e entendido como um derramamento especial do Espírito Santo, diferentemente da concepção puritana, que esperava o colapso do papado e a conversão dos judeus e, por conseguinte, um dos períodos de grande sucesso da ação e da obra missionária com fundamento de caráter milenial — tal visão é conhecida hoje como pós-milenarismo.

Finalizando, Donald (2018, p. 201), descreve que os pietistas, visando romper com a dialética entre o bem e o mal do luteranismo clássico, enfatizaram a justificação. Com isso, alteraram o foco para o indivíduo da regeneração e da santificação, destacando a pessoa no plano histórico da salvação e a esperança em dias melhores no futuro próximo, principalmente na obra “*Pia desideria*” (movimentos piedosos), de Philipp Jakob Spener e Johann Albrecht Bengel, o grande estudioso bíblico do pietismo, com sua fascinação com o Apocalipse e seus estudos sobre profecia e cronologia escatológica.

## **Considerações finais**

A pesquisa concluiu que as visões milenaristas influenciaram a escatologia dos pentecostais clássicos, baseadas no reinado de mil anos de Cristo no fim dos tempos, quando Jesus virá para julgar o mundo e estabelecer o seu reino nesta terra. Esses conceitos milenaristas se estabelecem de acordo com os métodos aplicados aos textos escatológicos e apocalípticos e se dividem em pré-milenarismo, pós-milenarismo e amilenarismo. O pré-milenarismo, por sua vez, divide-se em histórico e dispensacionalista. O dispensacionalismo resolveu e superou o problema das desilusões e frustrações deixadas pelo milenarismo acerca do retorno de Cristo, que não ocorreu conforme previsão milenarista. A escola dispensacionalista se popularizou pelos esforços de John Nelson Darby e pela publicação da Bíblia de Scofield.

Diante disso, a escatologia oficial do pentecostalismo clássico optou por uma corrente escatológica dispensacionalista cessacionista, pré-milenarista (o retorno de Cristo antes do milênio) e também pré-tribulacionista (o

arrebatamento da igreja antes da grande tribulação), visto que as visões tribulacionistas também fazem parte da doutrina dispensacionista cessacionista. Este fato chama atenção para essa escatologia que veio se tornar oficial, a qual se afastou das raízes teológicas metodistas do pré-pentecostalismo. Com isso, abandonou sua própria vertente pneumatológica da escatologia fundamentada na doutrina da chuva serôdia ou tardia, que apresentava o evangelho completo ou de cinco pontas: justificação, santificação, cura, batismo no Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo. A causa deste abandono se deu principalmente devido a chave hermenêutica da glossolalia, que levou ao reducionismo no tratamento da teologia do pentecostalismo clássico e, por conseguinte, impediu uma reflexão crítica de sua origem teológica e escatológica-pneumatológica, incorporando e seguindo a doutrina fundamentalista, que se encontravam na razão da teologia moderna de tendência cessacionista.

## Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras**: teorização, história e tipologia. 2012. 283 p. Tese. Programa de Pós-graduação - PUC/SP. São Paulo, 2012.
- ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. ONG. **Perspectives in Pentecostal Eschatologies**: world without end. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.
- ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.67. p.100-115, set/nov. 2005.
- CARVALHO, Osiel Lourenço de. **(In) versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro**: uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz. 2016. 180 fl. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP. São Bernardo do Campo/SP, 2016.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**: volume 6 S-Z. São Paulo: Hagnos, 2002.
- CHAVES, Pedro Jônatas da Silva. Raízes do Pentecostalismo Moderno. In. POMMERENING, Claiton Ivan (ORG). **Azusa – Revista de Estudos Pentecostais – VII**. N. 1 (jan./jun.2016).

Joinville: Refidim, 2016. Disponível em: <[www.definiçõesdeoxfordlanguages.com.br](http://www.definiçõesdeoxfordlanguages.com.br)>. Acesso em: 02 de jul 2020.

DONALD, Dayton. **Raízes teológicas do Pentecostalismo**. Natal, RN: Carisma, 2018.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da Teologia Escatológica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MENZIES, William W. **No poder do Espírito: fundamentos da experiência cristã: um chamado ao diálogo**. São Paulo: Vida, 2002.

OLSON, Lawrence. A bomba atômica – precursora do Armagedon. **Revista Seara**, N. 2. novembro e dezembro. Rio de Janeiro, 1956.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

SOARES, Esequias. Teologia – a doutrina de Deus. In: Gilberto Antônio. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SILVA, Esequias Soares da. **Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

HOMPSON, Matthew K. Eschatology as soteriology: the cosmic full gospel. In: ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. ONG. **Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end**. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.

YONG, Amos. Academic Glossolalia? Pentecostal Scholarship, Multi-disciplinarity, and the Science-Religion Conversation. **Journal of Pentecostal Theology** 14:1. 2005.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: Gilberto Antônio. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

Submetido em: 3-1-2022

Aceito em: 6-4-2023